

# Professores de uma só peça

Olavo Pires de Camargo<sup>I</sup>, Luiz Eugênio Garcez Leme<sup>II</sup>

Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP)

A expressão “homens de uma só peça” é uma das mais felizes expressões do caráter reto e da integridade pessoal. Comum em Portugal e na Espanha, Miguel Torga, pseudônimo de Adolfo Correia da Rocha, médico e um dos mais importantes intelectuais portugueses do século XX, a emprega em sua crônica “*Trás-os-montes*”<sup>1</sup> e assim os caracteriza: “Homens de uma só peça... que olham de frente e têm no rosto as mesmas rugas do chão... fiéis à palavra dada, amigos dos seus amigos, valentes e leais... estes homens não têm medo senão da pequenez.”

A imediata impressão que nos atinge ao lermos essas definições é a de homens confiáveis, que lutam por fazer bem as coisas sem concessões à mediocridade, ao “o que dirão?”. Em resumo, homens de virtudes sólidas, nos quais nos disporíamos provavelmente a crer e seguir.

Essas são grandes virtudes para um professor de medicina em todos os tempos, principalmente os atuais. Numa realidade em que as informações são cada vez mais acessíveis a qualquer telefone, os alunos buscam mestres que sejam cada vez menos repetidores de informações e cada vez mais manifestações de exemplos concretos do ensinar e do viver a medicina. Os alunos buscam testemunhos e só aceitam os ensinamentos se estes estão embasados no testemunho vivido de

quem ensina; o resto das informações, reconheçamos, pode ser facilmente adquirido nas redes sociais. Desta forma, os alunos buscam, captam e seguem os exemplos, sejam eles positivos ou negativos. Nesta nova realidade, aqueles que ensinam devem exprimir não apenas o exemplo de casos vividos mas o modelo da própria vida, que seja constituída pelas virtudes necessárias ao cuidado do doente e ao ensino da medicina e que vão muito além da indispensável competência profissional e acadêmica.

A formação de um formador está longe de ser tarefa fácil. A aquisição da maioria das virtudes necessárias leva tempo e não remunera. As virtudes são, diz-nos sua própria etimologia (*vir-força*), hábitos bons que são adquiridos com sacrifício e persistência, hábitos mais “raiz” e menos “Nutella”, como poderia nos explicar algum de nossos calouros.

O problema é que esse tipo de desenvolvimento de virtudes árduas, como a fortaleza, presente na coragem e na paciência, a coerência de manter as posições que entende corretas independentemente das conveniências sociais, o amor apaixonado à verdade sem dissimulações ou concessões às meias verdades, a lealdade, a fidelidade aos compromissos livremente assumidos e tantas outras, nunca foi fácil ou popular, e hoje o é ainda menos, numa sociedade marcadamente

<sup>I</sup>Professor titular do Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

<sup>II</sup>Professor associado do Departamento de Ortopedia e Traumatologia e Departamento de Clínica Médica (Geriatria) da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

Editor responsável por esta seção:

**Olavo Pires de Camargo**, Professor titular do Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

Endereço para correspondência:

Olavo Pires de Camargo  
Rua Barata Ribeiro, 490 — 3º andar — conj. 33  
Bela Vista — São Paulo (SP)  
CEP 01308-000  
Tel. (11) 3123-5620  
E-mail: olapcama@uol.com.br

Fonte de fomento: nenhuma declarada — Conflitos de interesse: nenhum declarado

Entrada: 5 de maio de 2017 — Última modificação: 5 de maio de 2017 — 12 de maio de 2017

personalista, hedonista, materialista e tantos outros “*istas*” que todos conhecemos. A isto soma-se a realidade do crescimento explosivo dos cursos de medicina nos últimos anos e a consequente necessidade progressiva de docentes minimamente qualificados. Como equacionar este problema com tantas e tão importantes variáveis?

Um experiente e sábio colega, ao elaborar concursos para ingresso de jovens médicos em um prestigioso hospital de ensino, segredou-nos uma vez seu mais importante critério: “O que importa é que tenham bom caráter; medicina a gente pode ensinar.”

De fato, colocando-se à parte o aspecto um tanto contundente dessa afirmação, não há como negar sua relevância e verdade. A medicina e principalmente o ensino da medicina exigem e exigirão cada vez mais competência humanística ao lado da competência técnica. Esta competência humanística

certamente deverá se refletir, não num conhecimento cultural, de superfície envernizada e balofa, mas na vivência cotidiana de virtudes que possam beneficiar o paciente e os alunos e possam ser palpáveis.

Certamente os concursos deverão ser modificados. Lembro-me da história de um concurso para professor de pediatria em uma prestigiosa universidade europeia há alguns anos. Os dois candidatos finalistas estavam absolutamente empatados. O que definiu o vencedor foi o fato de, na prova prática, ter ajudado sua pequena paciente a calçar os sapatos e descer da maca após o exame clínico.

A conclusão é que, além de procurar adquirir todas essas virtudes árduas, o professor deverá ter a invejável habilidade de nadar contra a corrente, e corrente forte.

Precisaremos cada vez mais de professores de uma só peça.

## REFERÊNCIA

1. Torga M. Portugal. Alfragide: Publicações Dom Quixote; 2000. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=zwwD5qDzSkcC&printsec=frontcover&dq=Portugal&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKewjn1ubj6eXTAhVJjJAKHRJyB1cQ6AEIMjAC#v=onepage&q=Portugal&f=false>. Acessado em 2017 (10 mai).